

Economia**Brasil**

O presidente do Citibank achava que a economia brasileira estava à beira do descontrole. Mas, depois de uma conversa com o ministro da Fazenda, mudou de opinião.

38 Citibank: situação é ruim, mas nem tanto.

O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, disse ontem em Brasília ao presidente do Citibank, John Reed, que em setembro o Brasil poderá atrasar pagamentos aos bancos credores internacionais, se suas reservas cambiais caírem abaixo do limite considerado crítico — em torno de US\$ 6 bilhões, segundo fontes do governo.

Reed ofereceu um almoço a Maílson na sede do Banco de Crédito Nacional, um dos associados do Citibank no Brasil, e mais tarde foi recebido pelo presidente Sarney no Palácio do Planalto. À saída do encontro com o presidente, o banqueiro afirmou que a dívida externa brasileira poderá ser renegociada em termos mais brandos de reescalonamento, semelhantes aos dos acordos com o México e a Bolívia. Isto, a partir de abril, quando o País estiver vivendo uma realidade bem distinta da atual, com novo governo e nova política econômica. Assim que soube da entrevista, Sarney requisiou uma cópia da gravação feita pela Radiobras.

Reed está acompanhando "com curiosidade" o comportamento da economia brasileira no final da gestão Sarney. Sua maior surpresa — assegurou — foi que esperava encontrar o País no fundo do poço, mas "não é bem assim". O que se vê, na sua opinião, é um esforço da parte do governo para manter em equilíbrio as suas contas e uma inflação alta mas estável. "Esse equilíbrio é importante manter para que o futuro governo possa ter flexibilidade na hora de renegociar a dívida", observou. E acrescentou que nesse contexto "não está fora das possibilidades um novo tratamento para o Brasil".

Depois do almoço no BCN, assessores da Fazenda revelaram que Maílson falou da possível suspensão dos pagamentos sem empregar tom de ameaça, e nem uma forma direta. Mesma técnica adotada pelo ministro ao falar com os jornalistas. "Eu disse a ele que, se não tivermos dinheiro em setembro, sentaremos e conversaremos", explicou.

Maílson ressaltou que o presidente do maior banco credor do Brasil (crédito de US\$ 5 bilhões) entendeu "muito bem" a política de preservação das reservas cambiais, reconhecendo que uma crise nessa área, às vésperas da eleição presidencial, não seria bom para o País "e nem para os credores".

Entre setembro e dezembro, o Brasil deve pagar US\$ 3,7 bilhões de juros aos bancos credores. Mas a maior concentração de vencimentos é mesmo em setembro, quando os débitos chegam a US\$ 2,3 bilhões. Também há débitos juntos a organismos multilaterais — Bird, BID e FMI e Clube de Paris — num total de quase US\$ 1 bilhão — , únicos compromissos, segundo Maílson vem reafirmando, que não serão saldados com atraso.

O ministro também garantiu a Reed que o Brasil não está pretendendo promover a declaração de uma moratória formal, ou a suspensão indefinida dos pagamentos dos juros da dívida. "Ficou claro no encontro que o Brasil e seus parceiros internacionais estão mantendo um razoável clima de confiança mútua", informou Maílson.

Durante o almoço, Reed confirmou ao ministro que está mantendo gestões junto ao Fundo Monetário Internacional para aceleração de um acordo com o governo brasileiro. "Ele não quis aprofundar-se muito no relato destas gestões, e eu também não quis saber que tipo de pressões ele pode estar fazendo", afirmou Maílson.

Brasil credor

Segundo informou ontem no Rio o chefe de Secretaria de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Oswaldo Moreira de Souza, o Brasil não está conseguindo receber o pagamento do serviço das dívidas dos países de que é credor. Dos US\$ 860 milhões que o País teria de receber no ano passado, apenas 10% foram pagos.

Países latino-americanos, africanos, caribenhos, europeus e asiáticos devem ao Brasil US\$ 8,6 bilhões, dos quais US\$ 4 bilhões estão atrasados em mais de 90 dias.



Beth Manhoto/AE

John Reed, do Citibank: menos pessimista com o Brasil.

